



NOVO GOVERNO

Últimos detalhes para o começo da transição

Reunião em São Paulo apara arestas a fim de que Alckmin anuncie quem integrará time que formulará as políticas da gestão Lula

» VINICIUS DORIA
» HENRIQUE LESSA

Ricardo Stuckert/Divulgação



Alckmin será o coordenador-geral da transição, que terá entre 28 e 32 grupos temáticos que podem servir de base para o novo desenho do ministério

Enquanto o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) ainda recebe móveis e equipamentos de informática para abrigar a equipe do gabinete de transição, os rumos do futuro governo estão sendo discutidos em São Paulo, no escritório do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em um hotel da capital paulista. Ontem, ele reuniu o núcleo duro da equipe para acertar os primeiros atos do gabinete temporário, que serão as nomeações de quem vai trabalhar no CCBB. Também conversou sobre a agenda de Lula, na capital federal, e a viagem que fará ao Egito para participar da 27ª Conferência do Clima — COP27. Lula desembarca hoje à noite em Brasília para dar início a uma intensa agenda de negociações e conversas.

Está acertado que o anúncio dos primeiros membros da equipe de transição será feito pelo vice-presidente eleito Geraldo Alckmin (PSB), que estará à frente dos trabalhos do grupo que representa o governo eleito. Ontem, ele e Lula passaram boa parte do dia reunidos com a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, e com o ex-ministro Aloísio Mercadante, para definir os anúncios esperados para hoje.

Por sinal, Mercadante já havia sido confirmado como um dos coordenadores técnicos da transição, responsável pelo trabalho dos grupos temáticos. Gleisi será a coordenadora de relações institucionais, que abrigará o diálogo com a classe política.

O time que atuará sob o guarda-chuva de Alckmin poderá ter, também, o ex-deputado Floriano Pesaro, do PSB, que participou das reuniões de ontem, em São Paulo. Outros dois que devem integrar o grupo são o economista

José Henrique Paim e a herdeira do banco Itaú, Neca Setúbal. Ele é ex-ministro da Educação do governo de Dilma Rousseff e ela educadora, e cuidariam dos debates relacionados a um setor que conhecem bem.

Propostas

O grupo sob coordenação de Mercadante irá preparar um diagnóstico da situação de cada ministério e organizará as propostas para cada área, com base no programa de governo da chapa Lula-Alckmin. Ontem, o deputado eleito Guilherme Boulos (PSol-SP) foi convidado para

participar do grupo temático sobre habitação e cidades no governo de transição.

“Participarei da equipe de transição de governo para ajudar o presidente Lula no debate sobre a área de cidades e habitação”, confirmou, em suas redes sociais.

Serão criados de 28 a 32 grupos temáticos, que podem servir de base para o redesenho da Esplanada dos Ministérios, com indicação das novas pastas que Lula pretende criar logo nos primeiros dias de governo. Cada grupo temático deve ter uma coordenação colegiada, para evitar especulações sobre possíveis nomes

para o primeiro escalão do futuro governo. Os grupos serão distribuídos em três eixos: economia, desenvolvimento social e defesa da democracia — com propostas para fortalecer as instituições de Estado e a transparência dos atos governamentais.

Ainda não há agenda pública do staff de Lula em Brasília, mas é esperada uma entrevista de Alckmin, na qual se espera que anuncie os primeiros nomes do governo de transição que, por lei, pode nomear até 50 integrantes. Segundo Gleisi, a esses servidores temporários se somarão até 200 voluntários, que prestarão assessoria

sem remuneração do gabinete de transição.

Lula só deve desembarcar em Brasília à noite, sem compromissos formais agendados. Amanhã, a expectativa é de que o presidente eleito e seu vice visitem os presidentes da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG) e do Supremo Tribunal Federal, ministra Rosa Webber. Alckmin, Hoffmann e Mercadante ainda podem ciceronear Lula em uma ida ao CCBB, que terá uma sala exclusiva para abrigar a futura primeira-dama, Rosângela da Silva, a Janja. Ela trabalhará na transição como voluntária.

» Aniversário reúne ministeriaéis

O vice-presidente da República eleito Geraldo Alckmin (PSB) comemorou 70 anos, no último domingo, ao som do piano do maestro João Carlos Martins. O aniversário foi ontem, mas as tratativas para fechar a proposta de PEC da transição forçaram a antecipação da festa. O evento aconteceu na casa do educador Gabriel Chalita — cotado para assumir um ministério — e o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) compareceu. Marcam presença um vasto grupo de ministeriaéis: o presidente do Conselho de Administração do Bradesco, Luiz Carlos Trabuco; os economistas Persio Arida e Gabriel Galípolo; petistas Fernando Haddad, Alexandre Padilha, Edinho Silva; o pessebeista Márcio França; e a médica Ludmilla Hajjar — que recusou convite para assumir o Ministério da Saúde no governo Bolsonaro por diferenças no combate à pandemia.

Fechamento de apoios

A negociação com partidos para formação de uma base parlamentar que garanta a governabilidade ao futuro governo do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) prossegue, hoje, com um encontro entre a futura coordenadora de relações institucionais da transição, Gleisi Hoffmann, e o presidente do PMDB, Baleia Rossi (SP). O partido da senadora e aliada Simone Tebet (MS) é considerado essencial para os caciques do PT.

Em entrevistas, o deputado emedebista mantém um posicionamento simpático ao apoio a Lula e admite conversar sobre cargos no futuro governo. A própria Simone é cotada para assumir um ministério. Na bolsa de apostas de Brasília, a ex-presidencialista aparece entre os favoritos para as pastas da Educação ou da Cidadania.

Além do MDB, o PSD também estaria em passos rápidos para fechar apoio ao governo Lula e integrar formalmente a festão. O presidente do partido, Gilberto Kassab, aterrissou, ontem, em Brasília e se reúne com a bancada do partido no Congresso para tratar do embarque na futura gestão. O petista conta com dois importantes aliados para o PSD integrar a base no Congresso: o senador Otto Alencar e o líder da Câmara, Antonio Brito, ambos reeleitos no último dia 2 como representantes da Bahia.

“No primeiro turno, o PSD no primeiro turno teve uma posição de neutralidade e, agora, nós recebemos um convite da presidente do PT (Gleisi) para iniciarmos essa conversa. O convite foi aceito e é evidente que precisa ser discutido internamente pelo partido. Porém, já no primeiro e no segundo turno, uma parte expressiva do partido, diante da posição de neutralidade, apoiou a candidatura do presidente Lula”, disse Kassab, ontem, em entrevista à Globonews. (VD, HL e Raphael Felice)

Acerto com Lira, uma tarefa delicada

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) estará em Brasília para comandar a transição e se encontrar com o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), em um momento crucial para os dois. De um lado, o petista quer negociar uma licença para gastar e cumprir as promessas de campanha. O deputado, por sua vez, tenta atrair apoio do PT para a reeleição no comando da Câmara, em 2023, e manter o poder sobre as emendas do orçamento secreto. A possibilidade de acordo entre os dois, porém, é minada por disputas internas e divisões que já ocorrem na equipe do futuro governo.

Lula e Lira deram um primeiro passo rumo ao entendimento no domingo do segundo turno, após o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) declarar o petista como presidente eleito. Segundo interlocutores de ambos, o tom da conversa foi cordial e positivo. Tanto o deputado quanto o pai, Benedito de Lira, foram por longo tempo aliados dos governos do PT no Congresso. O telefonema começou com o petista perguntando pela saúde do

ex-senador, o que animou e “desarmou” o presidente da Câmara, de acordo com interlocutores.

O presidente eleito foi aconselhado a recuar dos ataques que fez durante a campanha eleitoral e virar a chave para um acordo com o Centrão em nome da governabilidade. Esse recado foi dado pelo deputado Paulo Teixeira (PT-SP) a Lula ainda durante o segundo turno, conforme relato que fez ao líder do União Brasil na Câmara, Elmar Nascimento (BA), aliado de Lira.

Foi quando o petista passou a considerar a manutenção do orçamento secreto, prometendo dar transparência às indicações das emendas, mas ainda mantendo o poder dos parlamentares na destinação dos recursos, com um período de transição. A decisão tomada é que o governo não vai mexer nas emendas de 2023 e começará a negociar o futuro dos recursos nos próximos anos.

Nos bastidores, parlamentares dizem que Lula precisará chegar na conversa com uma definição: se realmente vai “abraçar” Lira e já negociar o Orçamento de 2023 em troca do apoio ao presidente da

Zeca Ribeiro/Agência Câmara



Pessoas próximas ao presidente eleito sugeriram que não colidisse com Lira e evitasse erros na disputa pela Câmara

Câmara ou se vai incentivar outra candidatura ao comando da Casa.

Parlamentares avisaram Lula que o PT não pode cometer o mesmo erro de governos anteriores, quando lançou candidatura própria para a Presidência da Câmara e foi derrotado. O caso mais recente ocorreu em 2015: o partido não quis apoiar o deputado Eduardo Cunha, que derrotou o PT na disputa e abriu o processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff no ano seguinte.

“Não fui informado (da reunião entre Lira e Lula), mas acredito que será uma reunião proveitosa”, afirmou o deputado Claudio Cajado (PP-BA), presidente em exercício do partido de Lira. “Defendo uma pacificação, seja ela qual for, em nome da governabilidade”, acrescentou o deputado Fausto Pinato (PP-SP).

Antes da reunião entre o presidente eleito e o presidente da Câmara, a bancada do PT deve fazer uma reunião para discutir

a negociação. “É um momento de construir pontes para uma transição tranquila. Nossa expectativa é que a conversa seja para tornar oficial essa boa relação que os dois já estão vivendo”, avalia o deputado Enio Verri (PT-SP).

“A conversa será boa. Ambos no clima, hora de colocar água fria e apaziguar ânimos”, disse o deputado Zeca Dirceu (PT-PR), um dos petistas escalados para fazer a ponte entre Lula e Lira.